EDITORIAL

PREPARE-SE PARA O IMPACTO!

O coordenador deste número de "Estudos Bíblicos" me pediu para escrever a apresentação. Aceitei o convite e me pus a ler os artigos. A primeira impressão foi de admiração, de surpresa, de espanto... afinal foi um impacto, um choque! Sobre esta impressão refleti e resolvi partir dela para avisar os amigos, leitores e leitoras, que embarcaram como eu nesta viagem, que é a leitura do n. 61 de "Estudos Bíblicos".

Quando o avião chega próximo do destino, o piloto avisa tripulação e passageiros: "Preparem-se para a aterrissagem!" A aterrissagem, hoje, é quase sempre muito suave, mas às vezes o impacto com o chão é mais forte e uma pessoa desavisada ou distraída poderia bater com o rosto na cadeira da frente, talvez machucar o nariz. Se a aterrissagem for sem o trem de pouso, como aconteceu há pouco num aeroporto dos EUA, o resultado pode ser um impacto mais forte, um desastre, e causar feridos graves. Avisar que o impacto está para acontecer não evita o choque, mas pelo menos prepara as pessoas, diminui o susto, permite tomar providências para diminuir as conseqüências negativas.

Se alguém não gostar da comparação do avião, pense num carro ou num outro veículo. Se, quando está andando, de repente alguém avisa "Vai bater!", muitos passageiros lhe serão gratos por estarem mais preparados para se proteger.

Lendo este número de "Estudos Bíblicos", tive vontade de gritar aos leitores: "Preparem-se para o impacto!" Talvez não evitarei o choque, mas deixarei os amigos em alerta, atentos.

Eu não deveria ter ficado impressionado com o impacto da leitura, porque este número de "Estudos Bíblicos" foi pensado exatamente para ajudar os leitores de hoje, que se aproximam da Bíblia e dos livros de explicação do texto bíblico, a enfrentar com lucidez e tranqüilidade o "choque cultural".

É um fato que a nossa cultura – modos de pensar e de avaliar, valores a serem apreciados, padrões de comportamento a ser seguidos, formas de linguagem e compreensão da realidade – está mudando com uma rapidez extraordinária. E a grande novidade, com respeito às culturas tradicionais, é que a cultura de hoje não é mais um sistema único, com referências e indicações precisas. A novidade é o pluralismo, a diversificação, a fragmentação. A cultura tradicional impunha às comunidades humanas um *padrão de vida,* um *modelo de conduta. Hoje, a cultura*

não impõe mais nada; oferece, quase como um supermercado, uma variedade de referências, valores, comportamentos, opções, sensibilidades para a escolha de cada um, para que o indivíduo construa sua própria identidade.

Esta situação afeta também os cristãos e os leitores da Bíblia. A nossa sociedade leva à exasperação, ao exagero, a tendência que emergiu com o início da Idade Moderna (séc. XVI) para uma interpretação pessoal, subjetiva da Bíblia. Com o risco que dela fiquem para os leitores belas palavras humanas, mas pouco da mensagem que Deus quer comunicar através da Bíblia.

Outro resultado da mudança cultural e da difusão do pluralismo é que o próprio trabalho científico de explicação da Bíblia se torna muito mais diversificado e levanta, junto com novas luzes e respostas, também novas interrogações, cuja resposta correta demora a ser encontrada. Já o documento da Pontifícia Comissão Bíblica, sobre "A Interpretação da Bíblia na Igreja"[1]*, analisava – entre métodos e abordagens dos estudos bíblicos – treze diversos procedimentos hoje em uso na exegese.*

Alguns desses métodos e abordagens estão chegando agora ao nosso público e a primeira surpresa do leitor deste caderno será encontrar muitas novidades.

Elas têm em comum a preocupação de mostrar como a explicação da Bíblia está relacionada fortemente com determinados contextos culturais e que, portanto, é imprescindível distinguir entre a "mensagem de Deus", que a Bíblia quer comunicar, e as "palavras humanas" que a transmitem[2]*. Em outras palavras, trata-se – para o exegeta ou para o leitor da Bíblia – de entender a mensagem de Deus através das palavras humanas, e portanto de entender bem essas palavras, mas dando-se conta de que elas são limitadas e pobres e não se confundem com a mensagem que está dentro delas, mas que também as supera. Apegar-se a uma palavra da Bíblia isolada, tomada fora do conjunto de que faz parte, seria como tentar compreender a vida e a missão de Jesus a partir de um fio de seus cabelos ou da ponta de uma unha.*

Portanto, as abordagens – das quais veremos logo os exemplos – mostram, muitas vezes, a fragilidade e a limitação das palavras usadas na Bíblia e, ao mesmo tempo, ajudam a colher – para além dessa pobreza humana – a força e a riqueza da mensagem que vem de Deus.

No primeiro artigo, o carmelita Carlos Mesters vai ao centro da questão: apresenta o desafio da inculturação da fé cristã a partir da inculturação de Jesus no judaísmo de seu ambiente. Assumiu o que no judaísmo era justiça de Deus, mas, preparado pelo ambiente mais aberto da Galiléia, abriu-se à convivência com outras

1. Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja* (com um discurso de S.S. João Paulo II de 23.4.1993), São Paulo: Paulinas, 1994, 166 p. (coleção "A voz do Papa", 134).

2. Cf. *Dei Verbum* 13: "Pois as palavras de Deus expressas por línguas humanas se fizeram semelhantes à linguagem humana, tal como outrora o Verbo do Pai Eterno, havendo assumido a carne da fraqueza humana, se fez semelhante aos homens". Deus, nas palavras humanas da Bíblia, inicia aquele processo de "encarnação" na natureza humana que se realizará plenamente em Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, o Verbo feito carne.

culturas e formas religiosas. Acolhia excluídos e marginalizados da sociedade judaica, anunciou um jubileu de reintegração dos excluídos e enviou seus discípulos e discípulas a libertar as comunidades, na sua própria cultura, do que nessa era não-Reino. "O anúncio da Boa-Nova de Jesus consiste em tirar o véu e revelar *que o Reino já está presente em muitos aspectos da vida que estão vivendo".*

O artigo do jesuíta Johan Konings: "No mundo, não do mundo. Meditação sobre João e a cultura" *não trata diretamente do nosso problema, mas assim mesmo dá a chave para compreendê-lo e resolvê-lo. A mensagem de Deus se expressa em palavras humanas, mas não se reduz a palavras humanas. Ela "transcende" (supera, transborda) as palavras que a contêm. Assim a comunidade cristã vive no mundo, mas não pertence ao mundo, não se conforma com ele, não se deixa dirigir pelo "príncipe" deste mundo (que não merece – diz Konings – esse título nobre, pois é só o chefe das forças do mal). Como permanecer unidos a Cristo vivendo neste mundo, tantas vezes hostil e perseguidor, inimigo para sempre de Cristo e dos seus discípulos? Esta é a tarefa do Quarto Evangelho; este é o projeto de João. Não vou contar aqui como o artigo termina. Basta saber que é essencial, para cada um de nós, entender e praticar a fidelidade a Cristo, num mundo perverso ou numa cultura como a atual, que se opõe frontalmente, em muitos pontos, à visão cristã da realidade.*

O Pastor Western Clay Peixoto ressalta a realidade e o valor dos símbolos que dão identidade a grupos e povos. Western Clay evoca os "conflitos simbólicos" (que são conflitos reais) e as expressões de resistência na Bíblia. Depois do exílio e no tempo do helenismo, os judeus reconstroem seus sistemas simbólicos, adaptando-os à nova realidade. "A resistência é esforço de conservação da diversidade e diálogo para resgatar o humano presente em toda expressão cultural". O artigo é um pleito a favor da resistência ao mercado cultural da atualidade, não no sentido de fechamento ao mundo, mas de apelo a enriquecê-lo com nossa identidade, expressa nos símbolos que a sustentam. A antropologia da identidade confronta-se assim com um comportamento irrefletido diante da oferta ilimitada de nosso supermercado tecnológico e cultural.

O artigo de Aírton José da Silva mostra o impacto histórico e os mecanismos da helenização no mundo bíblico, já desde antes de Alexandre Magno. O paralelo de nosso momento atual com a "crise da helenização" é muito significativo. E o artigo é especialmente revelador por mostrar a penetração do novo modo de se comportar no cotidiano. Não são os grandes pensamentos que provocam uma mutação cultural – esses vêm depois –, mas o cotidiano: o exército, a escola, os esportes... Visto sob este ângulo, aquilo de que agora estamos tomando consciência deve ter-se iniciado em nosso ambiente há muito tempo!

Outros artigos nos mostram como diversas culturas interferiram na compreensão da mensagem bíblica, da "Palavra de Deus". Pe. José Luiz Gonzaga do Prado toma como exemplo, no seu artigo "Mudanças culturais e interpretação da Bíblia", *o texto de Fl 2,6-11, o famoso "hino cristológico". Ele mostra que uma leitura desse*

texto numa perspectiva metafísica, inspirada pela filosofia grega, pode ter seu "charme" para os antigos gregos, mas deforma a intenção de Paulo e sua mensagem. Assim José Luiz primeiramente desmonta a interpretação corrente, que atribui a Paulo uma doutrina que só posteriormente será desenvolvida pela consciência cristã, e depois demonstra qual é o lugar do trecho no contexto da carta paulina, recorrendo às formas literárias dos judeus da época e ao pensamento de Paulo a respeito de Cristo "novo Adão". Daí resulta que o "hino" é uma expressão poética e sintética da atitude fundamental de Cristo, que a comunidade dos cristãos também deve assumir, como Paulo já tinha mostrado em Fl 2,1-4. Em suma, o autor nos propõe uma leitura muito mais tocante e provocadora também para a nossa comunidade de hoje, mesmo se isso nos obriga a renunciar às afirmações metafísicas sobre a natureza de Cristo atribuídas por tantos a Paulo (e que devem permanecer, mas com outras bases!).

A cultura grega, usada como "óculos" para a leitura da Bíblia, é posta sob processo também por parte de Jacir de Freitas Farias, mostrando – num artigo e numa resenha – a contribuição que a exegese cristã pode receber de um melhor conhecimento da cultura judaica e, particularmente, de sua exegese bíblica.

A resenha do livro de Daniel Boyarin, "Israel carnal", aponta como, no seio da exegese judaica, criaram-se desde o século II duas concepções do corpo e da sexualidade: uma mais influenciada pelo helenismo, a cultura grega, que considera o corpo uma prisão da alma e tende a desvalorizar o corpo e a sexualidade; outra, mais coerente com as raízes hebraicas da Bíblia, tem uma visão mais positiva do corpo e da procriação. A exegese cristã acabou seguindo a primeira tendência e, hoje, teria vantagem em recuperar uma leitura mais autêntica da Bíblia (da Palavra de Deus!), adotando os elementos positivos e esclarecedores da segunda tendência, mais tipicamente judaica, menos "platônica".

O artigo, bem mais amplo, é uma apresentação do judaísmo como "base" da fé cristã. De início, o Autor se coloca a pergunta de muitos hoje: qual é a relação entre as três grandes religiões monoteístas? A verdade está com o cristianismo, o judaísmo e o islamismo? E responde com uma historieta, bem ao gosto dos rabinos, atribuída a um sábio de Jerusalém do século XII. É a história dos três anéis, cuja conclusão é que as três grandes religiões devem continuar a conviver pacificamente, cada uma procurando valorizar o dom de Deus que recebeu, até que seja possível julgar melhor da autenticidade das três ou aproximá-las da mesma verdade.

É esta também a conclusão do artigo, formulada sinteticamente na frase: "um caminho ensina o outro a estar no caminho de Deus". Ou seja, agora, no tempo em que vivemos, uma religião (por ex., o judaísmo) pode ensinar a outra (por ex., o cristianismo) a viver melhor no caminho de Deus, conforme a vontade de Deus. O diálogo inter-religioso não nos afasta de Deus; ao contrário, aproxima-nos dele. Na leitura e interpretação da Bíblia o diálogo entre exegese judaica e exegese cristã é válido e enriquecedor. Como? Deixo ao leitor a tarefa de descobri-lo lendo as páginas claras e convincentes do franciscano frei Jacir, irmão daquele santo, Francisco de Assis, que procurou o diálogo também com os filhos do Islã, os muçulmanos.

Wolfgang Gruen (salesiano, nascido na Alemanha, criado no Brasil desde menino) enriquece este número com duas contribuições de notável extensão, um artigo sobre a Bíblia na era da Internet e uma resenha do livro do sociólogo Anton Mayer, "O Jesus censurado".

A tese de Mayer é mais que chocante: o NT "censurou" Jesus [censura no sentido de controle para impedir a divulgação]; o título da obra é ilustrado pela capa: uma cruz, com o crucificado "censurado", encoberto por tinta vermelha. Jesus viveu e falou como proletário (no sentido de K. Marx: "um ser rebaixado, oprimido, abandonado e desprezado"), mas os livros do Novo Testamento o "desproletarizam", não apenas porque o proclamam exaltado e glorificado por Deus, mas porque teriam adaptado sua religião à classe média e ao conformismo político, esvaziando a carga revolucionária da pregação autêntica de Jesus. Os culpados seriam sobretudo Paulo e Lucas, que teriam reinterpretado o evangelho em função das condições de vida e da mentalidade das comunidades cristãs das cidades gregas, muito diferentes do interior da Galiléia onde Jesus atuou. Não é possível aqui retomar toda a discussão do livro, que Gruen expõe amplamente com grande clareza e de cujas conclusões esboça uma primeira e provisória crítica. Provavelmente seria necessário dizer muito mais ou fazer uma crítica mais rigorosa. Sem desprezar os questionamentos muito sérios que o livro nos coloca, a partir de uma abordagem sobretudo "sociolingüística", creio que a discussão deveria ser ampliada. A título de exemplo, sugiro o recurso à "história dos efeitos do texto" ou, como os alemães preferem, "Wirkungsgeschichte"[3]. A comunidade cristã primitiva, idealizada no relato de Lucas (cf. Atos dos Apóstolos, cap. 1–5), conservou ao longo dos séculos uma força revolucionária que Mayer parece subestimar, animando os movimentos cristãos mais radicais da Idade Média e Moderna até o recente "socialismo religioso". E Paulo mostrou também na história seu potencial explosivo face a comunidades cristãs que tinham recaído no legalismo combatido pelo Apóstolo. A abordagem pluri/transdisciplinar, que Gruen defende, torna-se efetivamente uma necessidade urgente para alcançar o que o Papa, no discurso à Pontifícia Comissão Bíblica de 23.4.1993, descrevia como o ideal de equilíbrio e de moderação da exegese católica[4]. "Porque – afirma o Papa – a exegese católica não tem um método de interpretação próprio e exclusivo, mas [...] ela utiliza todos os métodos atuais, procurando em cada um a 'semente do Verbo'".

*A amplitude e a diversificação atual dos métodos e das opiniões na interpretação da Bíblia estão se tornando imensas! É o que Gruen mostra em seu artigo sobre "*A Bíblia na era da Internet*". E não se trata apenas de um crescimento quantitativo. Trata-se de um salto qualitativo, de uma nova situação cultural, inédita, em que a*

3. Sobre esse tipo de abordagem, cf. o item C.3 do documento da Pontifícia Comissão Bíblica citado acima, na nota 1 (p. 64-66 da tradução brasileira).

4. Cf. o discurso de JOÃO PAULO II, especialmente itens 13 e 14, nas páginas 5-24 da edição brasileira do documento da P. Comissão Bíblica, citado acima na nota 1, ou nas páginas 6-8 de *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, 2 de maio de 1993.

tarefa do "equilíbrio" e da "moderação" se torna ainda mais árdua para a exegese católica. Gruen diz justamente: estamos num "novo espaço hermenêutico". A nossa cultura modifica as condições de leitura e interpretação da Bíblia. Para nos fazer compreender melhor essa mudança (que vivemos, mas nem sempre de forma consciente, reflexa), Gruen compara a passagem atual – da escritura para a tecnologia eletrônica – à outra grande mudança histórica, de onde surgiram a Bíblia e outros Livros sagrados: a passagem da oralidade para a escritura, da tradição oral para os documentos escritos, acessíveis também fora da relação direta com o portador da tradição, fora da comunidade. A nova forma de comunicação e cultura abala os fundamentos da nossa visão da Bíblia e, em particular, a nossa convicção de poder chegar a uma interpretação "equilibrada", correta, do texto escrito. Hoje predomina a variedade das interpretações e, dentro delas, a tentação de cada um escolher subjetivamente a sua, a que lhe agrada. Estaremos nos tornando "como ondas agitadas pelo vento" (Tg 1,6)? Não, conclui Gruen, pois "sabemos em quem pusemos nossa confiança" (cf. 2Tm 1,12). Mas acrescenta: temos muito a aprender da nova cultura, também em termos de leitura da Bíblia: se não nos prendermos a textos isolados, mas olharmos para este conjunto de textos diversos chamado Bíblia, perceberemos o quanto ela é polifônica e, também neste sentido, atual. Ou seja: não procuraremos nos agarrar a uma leitura unilateral e dogmática de certos textos bíblicos, mas prestaremos mais atenção ao fato de que Deus, na Bíblia, fala de formas diferentes, através de muitas vozes e instrumentos. Não procuremos o canto de um solista lá onde Deus quer tocar uma sinfonia. É o que a velha exegese rabínica (de que se falava acima, a propósito dos artigos de Jacir) tinha descoberto há tempo. Aliás, muito mais que à exegese rabínica podemos apelar ao próprio processo de formação da Bíblia. Ela foi composta como uma sinfonia, não como um tratado de matemática. Nela não aprendemos leis eternas e impessoais, mas a comunicação viva e pessoal com Deus, comunicação que alcança seu ponto alto em Jesus Cristo, que nos mostrou a face acolhedora e amiga do Deus que se ocupa em primeiro lugar dos marginalizados e excluídos. Comunicação humana fundamental, que nenhuma Internet pode substituir ou anular.

O caderno, dizia no início, provocou-me um choque, um impacto. Também os leitores poderão fazer essa experiência. Mas não culpem os autores dos artigos. O choque vem do nosso encontro com as mudanças da cultura. Os autores nos ajudam a sair do choque não machucados, mas prontos a viver com mais lucidez e coragem numa nova atmosfera.

Alberto Antoniazzi
C.P. 417
30161-970 Belo Horizonte, MG
Tel. (031)375-2183